



Balta Lelija

1º de dezembro de 2023
Sexta-feira da XXXIV semana do Tempo Comum
“Pensando no fim”

Lc 21,29-33

Naquele tempo: Jesus contou-lhes uma parábola: ‘Olhai a figueira e todas as árvores. Quando vedes que elas estão dando brotos, logo sabeis que o verão está perto. Vós também, quando virdes acontecer essas coisas, ficai sabendo que o Reino de Deus está perto. Em verdade, eu vos digo: tudo isso vai acontecer antes que passe esta geração. O céu e a terra passarão, mas as minhas palavras não hão de passar.

O ano litúrgico está chegando ao fim e, nestas últimas semanas, somos confrontados com as passagens bíblicas que nos mostram como a existência terrena é passageira. Tudo o que nos promete uma suposta segurança não dura. Basta pensar em um terremoto que pode ocorrer a qualquer momento e abalar tudo sob nossos pés. A terra, supostamente segura, começa a se mover e, em pouco tempo, tudo pode desmoronar. Certamente, esse desastre natural é uma realidade triste e dolorosa, e podemos fazer o melhor que pudermos em nível humano para prever essas catástrofes e tomar as medidas de segurança necessárias. Mas, no final das contas, as possibilidades humanas também não podem nos proporcionar a segurança máxima.

Antes das palavras que ouvimos no Evangelho de hoje, o Senhor fala a Seus discípulos sobre eventos poderosos que ocorrerão no mundo, e faríamos bem em levar a sério a lição que Ele nos dá como conclusão: "O céu e a terra passarão, mas as Minhas palavras não passarão".

Em teoria, nós, cristãos, conhecemos essa afirmação, mas será que ela realmente marca nossa vida? Será que ela também é fortemente lembrada nos sermões? Será que realmente buscamos nossa segurança máxima em Deus e olhamos para todas as outras realidades a partir dessa perspectiva? De fato, tudo está cambaleando nestes tempos. Até mesmo a Igreja - a rocha firme e a grande segurança que nós, católicos, sempre tivemos - parece estar enfraquecida e não suficientemente protegida contra a onda deste mundo que a ataca.

É evidente que nós, homens, achamos difícil pensar no fim. Nós nos acomodamos de bom grado neste mundo e fazemos dele nossa morada permanente. Essa atitude é humanamente compreensível, mas, do ponto de vista espiritual, é muito insensata, porque perdemos a força e a concentração de nossa alma e dificilmente seremos capazes de perceber os sinais dos tempos, que insistentemente nos indicam o que realmente importa e, mais precisamente, nos lembram do fim para o qual todos nós estamos caminhando.

Como seria se vivêssemos conscientemente aguardando o retorno do Senhor? Isso não mudaria toda a nossa abordagem? Não pensaríamos com mais frequência no fim do

mundo, no Juízo Final ou em nossa própria morte? Isso não nos ajudaria a ser vigilantes e sensatos (cf. Sl 90,12)?

Embora não saibamos a hora da Parusia de nosso Senhor, sabemos o que Ele nos diz sobre o fim, que se conclui muito claramente nesta declaração: *"O céu e a terra passarão, mas as Minhas palavras não passarão"*.

Portanto, nem que seja apenas para nos manter vigilantes, seria necessário que os chamados "tempos posteriores" não desaparecessem da memória dos fiéis, para que não adormecêssemos espiritualmente e tivéssemos consciência da seriedade de nossas decisões de vida.

Mas essa não é a única razão para pensarmos nos últimos dias; além disso, se não o fizermos, não estaremos vivendo na realidade de Deus. Então, o dia do retorno do Senhor virá como o "ladrão da noite" e não estaremos preparados (cf. 2Pe 3,10). Então, pode ser tarde demais, como diz a parábola das virgens loucas (cf. Mt 25,1-13). Como ainda gostaríamos de fazer isso ou aquilo! Mas pode ser tarde demais...

Deus Pai, em Sua Sabedoria, não nos revelou o momento exato do retorno do Senhor, talvez também para que possamos estar sempre esperando por Ele e não adiar nossa conversão até o último dia. De fato, a conversão não se trata apenas de nos salvar da condenação eterna; trata-se de ressuscitar dos mortos, viver em plenitude e descobrir o significado mais profundo da existência. É um verdadeiro despertar da confusão e da letargia de uma vida meramente terrena. E se continuarmos a despertar cada vez mais, tornando-nos conscientes da dimensão escatológica, nossa vida adquirirá aquela vigilância que nos leva a esperar pelo Senhor como uma noiva espera pelo marido e a trabalhar perseverantemente em sua vinha.